

pedro eiras
teatro II



húmus

pedro eiras
teatro II

lúmen

HYPOMNEMATA

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registos notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e acções de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior.

Trata-se de constituir para si próprio um *logos boethikos*, um equipamento de discursos a que se pode recorrer, susceptíveis – como diz Plutarco – de erguerem eles próprios a voz e de fazerem calar as paixões, como o dono que, com uma só palavra, sossega o alarido dos cães. E para isso é preciso que eles não sejam simplesmente arrumados como num armário de recordações, mas profundamente implantados na alma, ‘gravados nela’, diz Séneca, e que desse modo façam parte de nós próprios: em suma, que a alma os faça não apenas seus, mas si própria.

Michel Foucault, *A Escrita de Si*

Este é um texto excessivo. O excesso é a sua matéria.

O encenador pode escolher apenas o excesso que o seduza. Apagar, no texto, quanto lhe pareça excesso menor. Seleccionar, nestas páginas, o seu próprio Hypomnemata.

De resto, o texto é apenas música, partitura. Importa ouvir, ter ouvido o terceiro andamento da Sinfonia de Luciano Berio, e o Roaratorio de John Cage. Cada verso, ainda que agramatical, deve ser entendido como unidade rítmica, salvaguardado. Ou nem isso: ecos somente.

Personagem

UM HOMEM IMÓVEL EM CIMA DE UM BANCO.

UM HOMEM IMÓVEL EM CIMA DE UM BANCO

Dói-me aqui aqui aqui e aqui
e estou furioso furioso
estou furioso contra –

Eu estudei geomorfologia Sabia
todos os prismas
descrevia qualquer sólido
sem fazer um gesto
assim –

O homem em cima do banco não faz nenhum gesto.

e assim –

Nenhum gesto.

até me espetar nas arestas nos vértices
nos ângulos de cada prisma na minha cabeça
porque eu sou um homem
que pensa
um homem que pensa

Eu fiz cronoterapia

É estranho ver daqui que eu tive

uma vida assim –
 como se pudesse dizer que
 vivi
 como se fosse igual
 exactamente igual a
 inúmeros outros homens
 outras vidas como se houvesse
 outros –

Umas coisas são reais outras não
 mas começam a ficar mais parecidas
 até chegar o sono e tudo se
 parecer com tudo
 exactamente como se
 a vida toda
 a vida toda fosse
 uma só mentira
 desculpem
 uma só matéria:
 pedras cabelos ossadas
 um só barro feito disso tudo

De repente fica tudo lá em baixo
 muito pequeno
 como se
 nada tivesse existido
 e de facto
 nada existiu

Havia um cão de cerâmica
 não

TEATRO II

Autor: Pedro Eiras

Capa: António Pedro, a partir de
João Henriques em *Hypomnemata*
(encenação de Renata Portas), Porto, 2008
© Daniel Moreira

© Edições Húmus, Lda., 2014
End.Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V.N. Famalicão
1.ª edição: Setembro de 2014
Depósito Legal n.º: 380435/14
ISBN: 978-989-755-072-0